

Amor de Clarice

O poema “Amor de Clarice” - <http://telepoesis.net/amorclarice/> - de Rui Torres foi inspirado no conto de Clarice Lispector *Amor*, na cidade de Porto entre o período de 1995-2005, com a narração de Nuno M. Cardoso, vídeo de Ana Carvalho e som de Luis Aly e Carlos Morgado. O próprio autor desenvolveu a versão hipermédia, tendo o poema duas séries divididas em 26 partes cada com a opção de ouvir certo verso clicando em cima de alguma palavra; o leitor também pode escolher acompanhar a história de maneira linear ou aleatória. Rui Torres formou-se em Ciências da Comunicação pela UFP (Porto) com Ph.D e literatura luso-brasileira, pós-doutorado em Ciência e Tecnologia, agregado em Ciências da Informação – Estudos Multimidiáticos. Atualmente trabalha na Universidade Fernando Pessoa nas áreas de graduação e pós-graduação dando aulas em comunicação, semiótica, literatura e hipermédia. Entre seus diversos trabalhos, temos o site *telepoesis* com obras originais desenvolvidas no meio digital.

Ainda pouco mencionada, a literatura digital assume o papel de mártir por ser mais acessível, mais interativa, mais prática. Sendo mais acessível, ela parece ser muito simples, mal feita, banal, o que a leva a ser desvalorizada; se fosse realmente boa, teria um preço a pagar. Ao ser mais interativa, pode diminuir o papel do autor na sua obra colocando em questão o conceito de autoria considerando que em uma história o leitor pode escolher o final, seja se o autor lhe dá opções ou o próprio site oferece essa possibilidade. E quanto a sua praticidade não é sobre o modo de criá-la, visto que precisa de colaboradores, mas no modo de armazená-la: não ocupa espaço físico, está em um site ou salvo em uma nuvem, em um canal de vídeo no YouTube. Estará lá para quem quiser ver. Com infinitas possibilidades de execução. Temos contato com áudio, imagens, vídeos, jogos, diferentes formas de design, explorando mais os nossos

sentidos. Fugindo diretamente do com o que os leitores estão acostumados e não tendo nada de simples.

“Exploram-se os aspectos musical e visual das palavras através da forma: o jogo de sons e a disposição do poema na página; enquanto as sensações físicas – olfativas, paladares e imagéticas entre outras – são descritas pela mescla entre suas funções originais em um esquema de concretude e abstração, próprios do símbolo.” (FERNANDES (2008, p. 118)

O fato de o próprio Rui Torres ter desenvolvido a sua cyberpoesia corrobora com o que FERNANDES (2008, p. 119) diz: “ele [o poeta] passa a desenvolver não só a função de criar, mas também de programar, ou seja, ele se insere de maneira direta ou indireta no meio de realização da arte” e, além disso, ao usar uma criação de Clarice Lispector, Torres traz um pedaço do tradicional ao meio digital, com várias possibilidades, provando que a literatura neste meio é tão obra quanto um livro.

Imagen retirada do link:

<https://br.pinterest.com/pin/321163017151362287/?autologin=true>

Aluna: Gabriela Vilela Souza Martins